

COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 593

Assigna-se vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1,600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2,500 rs. e sendo duas 3,500 rs.—Semestre 1,500 rs.—Brazil, anno 3,500 rs.—Semestre 1,900 rs. moeda forte, ou 8,500 reis e 4,500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 20 DE JANEIRO

A proposta do Ministro da Fazenda, relativa ao Banco de Portugal.

Mais de uma vez tem procurado a paixão partidaria desvirtuar a pureza das nossas intenções, acimando-nos de parcialidade a favor d'este ou d'aquelle grupo liberal. Não nos magoam essas apreciações injustas, porque é natural, e sempre assim aconteceu, que as opiniões imparciaes só agradem áquelles, a quem favorecem, sendo agredidas e calunniadas pelo campo opposto com tanto maior vigor, quanta é a força, que lhes provém da sua origem menos suspeita.

Ainda ha pouco um nosso collega julgava-nos extremamente indulgentes para com o partido regenerador, e mal pensava de certo o jornal, a que nos referimos, que em breve tempo appareceria ensejo de mostrar mais uma vez que os nossos protestos de imparcialidade não eram declamação vã, como tantas frases campanudas, com que por ahi nos atordoam os ouvidos.

Algumas vezes nos tem parecido acertadas as medidas do actual ministro da fazenda, e nem os seus adversarios lhe contestam a competencia para o cargo, que desempenha. A nossa imparcialidade mandava-nos então applaudil-o. Hoje, em presença da sua proposta ácerca do Banco de Portugal, é nosso dever dizer ao ministro que seguiu caminho errado, e ao Parlamento, que não dê a sua approvação áquella proposta, que em nosso entender é altamente perniciosa ao paiz.

Aos nossos leitores devemos o esclarecimento d'este importantissimo assumpto,

e é o que procuraremos fazer, segundo as nossas forças o permittirem.

Como o titulo do nosso jornal indica, não podemos ser indifferentes ás questões commerciaes, e sobretudo a esta cuja so lução pôde prejudicar tantos interesses legitimos.

Segundo a proposta do snr. Antonio de Serpa é concedido ao Banco de Portugal o monopolio da emissão de notas em todo o paiz, e elevado o seu fundo a 16 mil contos em series de 2 mil. O banco estabelecerá agencias em todas as terras importantes do reino, e ficará obrigado a descontar a 5 por 0/0, salvo quando o governo lhe permittir que eleve aquella taxa, sendo então metade dos lucros do augmento para o mesmo governo. Eis em resumo a ideia fundamental da proposta.

A primeira consideração, que logo salta á vista dos menos entendidos, é ser pessima a occasião escolhida para introduzir no paiz o monopolio da emissão. Ainda mesmo, que d'esse monopolio resultem vantagens em these, (o que é contestado entre os mais distinctos economistas) como poderá suppor-se proveitoso n'este momento, em que os outros bancos se acham mal feridos pela campanha, que tiveram de sustentar durante o ultimo semestre? Todos os nossos estabelecimentos bancarios estão dando provas da mais louvavel prudencia, todos á custa de esforço e de actividade procuram sarar as feridas recebidas, e vós, poderes publicos, escolheis este ensejo, para lhes descarregar profundo golpe, apresentando-lhes de frente um competidor poderoso, armado por vós com os maiores privilegios?!

Estão os mesmos estabelecimentos bancarios embaraçados com grande quantidade de papel em caução, e vós, ministro da

fazenda, promovereis a criação de mais papel, que será procurado por causa dos privilegios inherentes, mas que virá desviar os compradores do papel, que já está creado, e que espera collocação, peijando as gavetas dos bancos existentes?

Mas então é mais simples decretar a confiscação em beneficio do Banco de Portugal, dos haveres de tantas familias, confiados aos outros estabelecimentos de credito, que até hoje tem prosperado, e melhor, á sombra da legislação em vigor no norte do paiz, do que o Banco de Portugal cheio de privilegios, mas sempre dependente das nefastas influencias politicas.

Outras considerações se nos apresentam contra a proposta do ministro. A historia bancaria do nosso paiz mostranos, que são em geral os bancos pequenos os que dão melhor resultado; são elles os mais infatigaveis, os que soffrem maiores prejuizos no meio do labyrintho das transacções, e os mais vigiados pelos seus accionistas. Ao passo que os estabelecimentos privilegiados, como o Banco Hypothecario e o de Portugal, filhos do monopolio, teem uma vida por vezes atrapalhada, os nossos bancos do norte do paiz, creados á sombra da liberdade, teem gosado de grande credito, e mesmo nas occasiões criticas o conceito, que merecem ao publico, não é inferior ao de que gozam os estabelecimentos privilegiados. Confirma esta asserção a cotação de suas acções em annos consecutivos, e os bons dividendos que tem pago aos seus accionistas. A larga experiencia de bastantes annos, está clamando, de harmonia com a opinião da maior parte dos economistas, que a liberdade bancaria é, nos seus resultados, bem superior aos beneficios do monopolio.

Em artigos subsequentes provaremos quanto esta coisa repugnante e desacreditada, chamada monopolio, tem sido prerjudicial ao nosso paiz em todas as suas manifestações, e como pelo contrario no, temos achado bem, todas as vezes, que pelos nossos esforços temos feito baquea essas odiosas leis de excepção.

Em seguida mostraremos que é illusorio o beneficio do desconto taxado pelo governo, bem como destruiremos as outras razões, que o snr. ministro apresenta no relatorio em favor da sua proposta.

Refutação do macaqueirismo.

No fasciculo dos *Etudes Religieuses, Philosophiques, etc.*, de setembro, concluíram-se os magnificos artigos: *Les resultats des recherches préhistoriques d'après les travaux des Congrès et sociétés savantes*, pelo insigne professor de sciencias naturaes, o revd.º padre A. Haté, da Companhia de Jesus. Neste ultimo artigo, que temos diante de nós, e que sentimos não poder agora traduzir, por ser bastante longo, prova-se, entre outras coisas, que sciencia prehistorica, no sentido hostil ao Christianismo em que vulgarmente se toma (o sentido macaqueiro), é coisa que não existe e que nunca existiu, sendo tudo o que se tem dito ou escripto a tal respeito *question ue mot*.

O sabio auctor conclue assim o seu profundo trabalho, que recommendamos a todos os que amam a religião, não sómente, mas a verdadeira sciencia:

«O prehistorico chega pois á nossa era (a christã), e não seria difficil encontrar-o ainda mais recente,—quasi nosso contemporaneo. O prehistorico de Nova Zelandia, o prehistorico de Australia, o

40

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

XX

Uma mulher que mente.

Emfim, com esforço indisivel tomou a mão de Candido, apertou-a entre as suas, e disse:

—Este mundo... este mundo, senhor, é um inferno!..

—Para os infelizes, senhora.

—Oh! e onde estão os seus bemaventurados?... ninguém julgue da paz do coração pelo socego, e prazer do semblante: quasi sempre quando a alma chora lagrimas de sangue, os labios se sorriem, e os olhos brilham!..

—Eu comprehendo, que ás vezes succede assim.

—Este mundo, snr. Candido, é um tiranno, um despota inexoravel, que todo ornado de prejuizos e de quimeras, impõe-nos o dever de respeitar seus prejuizos, e de adorar suas quimeras! e ai d'aquelle que resiste!..

—E' verdade... é verdade.

—Os homens curvam-se a ideias falsas e indignas d'elles, e as desenvolvem porque emfim força é ser escravo do mundo!

—Não, isso não minha senhora: o mundo não pensa, são os homens, que pervertidos e desmoralizados concebem essas

ideias: o mundo não tem culpa de ser assim, os homens o vestem com essas roupas.

—E o remedio?..

—O remedio, é instruir, e moralisar o povo.

—E enquanto elle não se instrue, nem se moralisa?..

—Deve-se bradar com força contra aquelles, a quem compete moralisar-o e instruil-o.

—Sim, mas o primeiro que se erguer contra um prejuizo, que reina, será victima, e ganhará em vez de palma de victoria, a corôa do martirio.

—Embora: Socrates morreu, porém suas ideias vingaram.

—E quem quereria ser Socrates?..

—Oh minha senhora, perdoe-me; mas julgo melhor fazer de outro modo a pergunta.

—Como?..

—Quem poderia ser Socrates?..

—Pois accito: quem poderia sel-o?..

—Um bom governo.

A viuva pensou alguns instantes; a conversação ia tomando caminho contrario ao que ella queria levar: finalmente começou de novo:

—E enquanto a revolução moral não se faz, enquanto a sociedade não reformaa os seus costumes, o que hão de fazer os homens, o que farão principalmente esses entes fracos, as mulheres, que desde que nascem até que morrem precisam sempre de um apoio na vida, o que hão de fazer, senão curvar-se a esses erros, a esses prejuizos?..

—Uma grande mulher responde por mim, senhora; M.^{me} de Stael, penso que foi ella; escreveu em um livro «Os homens devem arrostar a opinião publica, e as mulheres curvar-se a ella.» Eu digo o mesmo dos prejuizos, de que falla.

—Oh! mas é horrivel!

—Eu o sinto, minha senhora.

—As' vezes ter uma mulher, para respeitar essas indignas chimeras, de quebrar uma corda sonora de seu coração!.. ás vezes ir parecer má, sendo benigna... dizer uma mentira, tendo n'alma a verdade; é muito... é horrivel!

—Mas não é tanto assim, minha senhora; a mulher deve curvar-se diante do juizo dos homens só e unicamente até o ponto d'onde pôde começar a ser offendido o juizo de Deus.

—Pobres mulheres! ás vezes o dito de uma creança é de sobra para perdela na opinião do publico, e depois o discurso de um sabio não basta para purificar seu nome d'essa noção imaginaria!.. pobres mulheres, que precisam pesar suas palavras de cada vez que falam, ter cuidado com seus olhos de cada vez que olham... porque fazem de suas palavras e de seus olhos provas de erro, e até ás vezes de crime!

—Afeia de mais a posição do seu sexo na sociedade, minha senhora.

—Não, isso é assim; eu, e todas, o temos experimentado: ha occasiões, em que um homem, que nos é indifferente ou só estimado, como amigo, que nos respeita, que só por amizade pura e sem interesse frequenta a nossa casa, põe, apesar d'isso, em duvida a innocencia de nossas afeições, e, sem o pensar, abre caminho á mordacidade, e presta uma victima á calumnia!

Candido não respondeu: ficou olhando para Marianna como querendo apanhar-lhe algum pensamento occulto, que acabasse de ressumbrar em suas ultimas palavras.

Depois de hesitar tambem por algum tempo, a viuva continuou com voz muito commovida.

—O senhor mesmo não tem escapado á maledicencia.

—Eu? exclamou Candido estremeando.

—E' verdade.

—E como?... e porque?..

—Eu lh'o vou dizer... custa-me muito fazel-o; porque talvez o snr. se jogue offendido; mas eu cumprio o meu dever... o meu desgraçado destino de mulher.

—Falle sem receio, minha senhora.

Marianna hesitando sempre, e sempre commovida, começou, p-bre escrava, a cumprir as ordens de seu senhor.

—Sabe, que mortos os paes de Celiua, foi o meu, como avô d'ella nomeado seu tutor, elle e eu recebemos a sagrada missão de velar por ella, e de fazer tudo por tornal-a feliz?..

—Sei, minha senhora, respondeu Candido, que de novo estremeceia ouvindo pronunciar o nome da Bella Orfã.

—Pois então, tornou Marianna, comprehende a immensa responsabilidade, que pesa sobre nós?... comprehende, que sobre meu pae, e sobre mim recahirá a culpa de qualquer falta, que por minha sobrinha fôr praticada, ou da calumnia, que contra ella ousarem lançar?..

—Comprehendo, disse o mancebo recordando-se das lagrimas do velho Anacleto.

—Agora escute: esse povo insano, que não vive, senão quando murmura, essa gente indigna, que quando não acha uma acção de que murmurar, inventa-a para com ella alimentar-se; esse povo, essa gente quando vê um mancebo solteiro perguntando a casa em que existe uma senhora, que não é casada, não pergunta o motivo de suas visitas, não indaga a origem das relações que existem, brada, insulta, calumnia!

—Quer dizer, minha senhora?..

—Quer dizer, que desde as primeiras visitas, que do senhor recebemos, graças, eu me ufano de o declarar a todos, graças a nossos reiterados convites, minha

prehistorico do Madagascar, estão ainda bem proximos de nós (1). A escola prehistorica entrará n'um bom caminho quando empregar termos que possam dar uma justa ideia dos factos e das descobertas; porque a questão prehistorica está sendo verdadeiramente uma questão de palavra.

«Temos concluido. Diziam-nos: «A sciencia prehistorica declara que os 6,000 annos das tradições hebraicas são perfeitamente coisa de rir»; que «são uma mentira». Acrescentava-se: «A sciencia prehistorica afirma que é necessario renunciar ao sonho seductor de um edenismo primitivo, do paraíso terrestre biblico». Respondemos: Como podia dizer taes coisas a sciencia prehistorica se elle nem sequer existe? (2) Ha, é verdade, uma escola prehistorica: nós a conhecemos; sabemos quaes são as suas tendencias, qual é seu fim. Mas está separada do fim que quer attingir, por mais de um abismo (2). Ha tambem uma questão prehistorica, de que se falla por toda a parte e a proposito de tudo: faz-se d'ella uma grande questão. Mas é uma questão de palavra (2): pedi uma definição, e todo o encanto se desvanecce.

«A revelação e a sciencia são duas irmãs: tem o mesmo pae,—nosso Pae que está no céo. Mensageiras do Deus de paz, ellas vivem em paz, e dão a paz aos homens de boa vontade. A sciencia amiga da revelação, eis a verdadeira sciencia: este caracteristico nunca engana. Toda a sciencia inimiga da revelação é illusão e mentira».

Farpistas, correspondentes, instituteiros, Micos, Nasicas, e tutti quanti, tenham-n'o assim entendido!

Qui habent aures audiendi audiant!

(1) Alli está-se na idade de pedra polida, etc.... (N. do Trad.)

(2) Prova-se até á evidencia na serie destes artigos, os quaes fazemos votos e esperamos que appareçam dentro em pouco em volume. (Id.)

Conclusão da carta do snr. João de Lemos ao «Conimbricense».

Quando a fé diminue ou se extingue, as nações degeneram; por que a virtude civica, e os cidadãos crentes, e d'olhos fitos na immortalidade, são simples, laboriosos, valentes, sabios, morigerados e dedicados á patria.

Já, ha muitos annos, do alto da tribuna hispanhola, demonstrava e proclamava estas verdades a voz eloquentissimo

de Donoso Cortéz (marquez de Valdegamaz).

A religião é incontestavelmente o fundamento e a vida de todas as virtudes, e de todas as prosperidades mesmo d'este mundo.

Todos os dias vemos confirmadas as sabidas e profundas palavras de Montesquieu a este respeito.

Chose admirable! (dizia elle). *La religion chrétienne, puis ne semble avoir d'object que la félicité de l'autre vie, fait encore notre bonheur dans celle-ci.*

E as consequencias d'esta descrença geral são numerosas e gravissimas.

A' proporção que a ordem christã desaparece, o numero dos crimes, dos suicidios, dos divorcios, ou das separações elevou-se cada anno.

O progresso, é só progresso do mal.

O relatorio do ministro das justicas em França, a que já me referi, ainda, na estatistica das separações, consigna outro facto de grande importancia, que eu attribuo á mesma origem.

A esterilidade dos casamentos.

Em 2.884 casamentos, 1.081 não produziram filhos; e a união, em 538, tinha durado de um a cinco annos; em 774, de cinco a dez annos; em 983, de dez a vinte annos; e em 517, durou a união mais de vinte annos.

Entretanto, os economistas, que se têm occupado das causas do decrescimento de população em França, acensam, como ainda não ha muito, o jornal «Rapet», os contos, e *M. de Lavergne*, as guerras; mas não vêem nem querem ver a esterilidade dos casamentos.

Note-se porém, que se não casa hoje menos que n'outro tempo, antes mais; o que o casamento produz hoje, é menos filhos.

Mas porque é isto? Pela mesma razão porque ha mais crimes, mais suicidios e mais divorcios.

Porque o mal social é muito grande; porque o progresso é progresso de más doutrinas e perda de bons costumes.

O que vae por França, vae entre nós, guardadas as proporções.

Por qualquer lado que se considere a sociedade, só se observa uma espantosa desordem moral.

Tanto de casa como da rua sahem hoje com frequencia vicios e crimes inauditos.

Aonde tem levado já, e aonde levará ainda a França, e as nações, que a imitam, este profundo enfraquecimento de forças moraes e fysicas?!

Vejamos, pelas estatisticas em relação á França.

Em 1817 a Confederação Germanica e a França tinham quasi igual numero de habitantes, cerca de 30 milhões; 50 annos depois, a Confederação tinha ganho sobre a França dez milhões de almas. Em 1817, a Prussia só contava dez milhões e meio de habitantes: em 1865 tinha já perto de vinte milhões; e, depois das annexações, anda approximadamente por trinta milhões.

A extensão de territorio do imperio d'Allemanha apenas tem mais que a França 10.000 kilometros quadrados, e o solo francez, como mais fertil sustentaria mais facilmente uma população mais densa; e comtudo a Allemanha já em 1871 tinha 41 milhões d'almas; depois d'esta época, tendo crescido a sua população 425 mil almas por anno, conta agora cerca de 43 milhões. Se continuar n'este augmento, o imperio germanico terá, em 15 annos, 49 milhões de habitantes, e, ao mesmo tempo, a França só terá então 39 milhões.

Na Allemanha actual, está verificado que ha 1.600.000 nascimentos por anno; e em França, 960.000, o que quer dizer que, em 20 annos, a Allemanha terá 300.000 recrutas e a França 300.000. Como é cruel a eloquencia d'estes algarismos! D'onde procede esta crescente debilidade? Da rebellião contra a lei divina; da voluntaria esteilidade dos casamentos; da corrupção geral; n'uma palavra, de esquecimento e desprezo da lei christã.

Faltam-me dados estatisticos para me referir ao nosso paiz; mas como temos seguido a França nas ideias, creio que não andaremos tambem longe d'ella, proporcionalmente, n'estes factos contristadores.

Importa, pois, que os povos como os individuos, que se têm apartado do viver christão, dando assia causa innegavel aos horribes males, que affligem as famílias e a sociedade, se apressem a voltar suas vistas para o Céu, como unico remedio, assustados, ao menos, deante do temeroso futuro, que seus desvarios têm preparado, e que lhes apparece no horizonte como voragem sinistra.

Lide v., lidemos todos, na proficua empreza de clamar pela religião como ancora segura, n'este naufragio, que ameaça o mundo, que seremos, por isso, um dia abençoados por Deus e pela posteridade.

J. DE LEMOS.

sobrinha e o senhor tem sido victimas da aleivosia.

—E' possível?!

—Ousam dizer que Celina e o snr. se amam e se correspondem, e que meu pae e eu protegemos esse amor...

—Mas é uma infame calumnia!... exclamou Candido.

—E que importa ao mundo que murmure, que o snr. e nós todos juremos que isso é falso?... que a sua presença n'esta casa é devida sómente a nossas repetidas instigações?... que o seu comportamento aqui é nobre, é leal, é digno de um homem de educação?... o mundo continúa a murmurar, como de facto tem continuado... vae de bocca em bocca passando a calumnia, e os ultimos que a escutam, já a recebem como verdade.

—Ah senhora!...

—Ousam dizer até...

Marianna hesitou corando de si mesma, porque era uma horrivel mentira, o que ia avançar; Candido pensou, que ella corava de vergonha d'isso que ousavam dizer, e fallou a custo.

—Diga tudo, minha senhora, nada se deve esconder áquelle, que vae ser condemnado.

—Ousam dizer, que o snr. se gaba de merecer o amor de Celina a seus proprios amigos...

—Gabar-me a meus amigos?... eu sou pobre, minha senhora, muito pobre para ter amigos. Essa accusação é tão miseravel, que eu me rebaixaria se a combatesse.

—Hoje mesmo, e dentro de nossa propria casa a calumnia achou pasto para alimentar-se; ainda ha pouco quando o senhor cantava houve quem visse muito fogo nos seus olhos, e uma declaração de amor no seu canto. No fim d'elle as amigas de minha sobrinha foram cercal-a,

zombar d'ella, e dar-lhe ironicos parabens pela sua futura felicidade.

Candido sentia-se possuido de desespero e de vergonha; anciado faltava a seus pulmões ar para respirar; enxugava com o lenço suor copioso, que em vagas lhe descia pelo rosto: seu coração estava comprimido por um pezo enorme: arquejava.

A viuva proseguia.

—Minha infeliz sobrinha correu para mim desolada, e escondida commigo no fundo de meu quarto chorou tanto e tanto, que me fez dó, e me obrigou a um passo, que me causa realmente muita afflicção.

—Ella chorou, senhora?... perguntou Candido torcendo as mãos com violencia.

—Oh! sim! mas ella tinha razão; perdoe-lhe pois: ella pesou as consequencias d'esses boatos, e teve medo.

—E teve medo!... balbuciou automaticamente o mancebo.

—Porque senhor, se esses boatos não forem desmentidos de algum modo muito positivo, qual será o resultado d'elles?... uma barreira se levantará diante do futuro da pobre menina; nenhum homem de bem quererá pretender a mão, a posse da namorada de um outro, e ou ella se casará com algum que não tenha sentimentos elevados... ou ficará eternamente solteira... o que é na verdade uma desgraça, ou emfim casar-se-ha com o senhor...

—Ou emfim... balbuciou outra vez Candido.

—Oh! mas eu tenho bastante conhecimento da generosidade de sua alma para acreditar, que tudo isto lhe é tão doloroso, como a ella; eu vejo, que o snr. não se achando com forças, não podendo fazer a ventura de Celina...

A viuva hesitou outra vez.

—Não podendo... repetiu surdamente o mancebo.

A viuva respirou, animou-se e proseguiu.

—Porque o senhor é pobre... não tem bastante para si... e Celina está habituada a commodos e prazeres, que em sua companhia não poderia gozar; porque em fim o snr. não a poderia fazer feliz... é pobre... e...

—Sou pobre... disse o mancebo com voz sombria e sacudindo a cabeça; é isso mesmo; eu sou pobre...

—E quando mesmo os snrs. se amassem realmente, e o amor operando um milagre, que não seria o primeiro, fizesse com que Celina se julgasse feliz partilhando as privações da sua pobreza; essa felicidade duraria dois ou tres mezes, talvez mesmo um anno; mas passada a força da paixão... a realidade chegaria por sua vez, Celina choraria seus antigos prazeres, que o marido lhe não poderia dar em sua pobreza.

—A pobreza?

—E o snr. tambem se havia de arrepender de havel-a despojado; porque talvez que um homem rico e feliz, um homem que occupasse na sociedade uma posição, que se visse...

—Que se visse!...

—A quizesse por mulher; e então é consequente, e eu creio que o snr. pensará commigo, que uma mulher no seio da riqueza, gosando os regalos, que ella facilita, brilhando pela posição de seu marido, é mil vezes mais feliz, é sem comparação mais ditosa, do que nos braços de um pobre, que não teria para dar-lhe senão lagrimas de amor no principio... e no fim impertinencias e dissabores de indifferença...

—Tem razão.

—Oh! não sou eu, que a tenho, é minha sobrinha, que a tem; minha sobri-

S. Vicente.—Na proxima segunda-feira festeja-se o Martyr S. Vicente, havendo missa a instrumental, e de tarde sermão, *Te-Deum* e procissão em volta do templo. E' orador o snr. padre João Antonio Velloso, ecclesiastico sobejamente conhecido pela sua illustração e talento.

Amanhã de tarde cantar-se-hão vesperas a instrumental.

Theatro.—A companhia do theatro das Variedades, do Porto, da qual é empresario o snr. Alves Rente, deu já dois espectaculos em o nosso theatro

A *Filha do Ar*, peça fantastica do snr. A. d'Oliveira, foi a escolhida para o debute da companhia, que teve logar na quarta-feira, e dada em segunda representação ante-hontem.

Começaremos por dizer,—em homenagem ao bom senso é á illustração dos bracarenses—que, se da parte dos espectadores houve demonstrações de agrado, essas não foram decerto provocadas pelo merecimento da produção exhibida. A *Filha do Ar* será para todo o mundo uma peça excellente; pela nossa parte consideramol-a como coisa soberanamente de-testavel, ainda para amadores de mediocre illustração.

Fallamos desta produção considerada quanto ao seu merecimento litterario: outro tanto não podemos dizer da musica, original do snr. Alves Rente, que é formosissima. Infelizmente, por parte da orchestra, teve quasi sempre uma execução temivel.

Diremos agora duas palavras a respeito do desempenho.

Foi geralmente bom, estremando-se

Carlota Velloso [*Rainha dos Ares*], Maria da Luz [*Zefiro*], Abel [*Boreas*] e Samuel [*Leandro*].

Carlota Velloso é ainda e sempre a actriz distincta, que tantas vezes foi victoriada em o nosso theatro. E' certo que o talento não envelhece nunca, e que não raro elle se aloira mais quando o gear da senectude nos vae grisalhando os cabellos.

Abel é o actor intelligente e consciencioso, que já d'ha muito estamos afetos a applaudir. Se algum reparo houvessemos de fazer ao modo porque se houve nos espectaculos de que vimos fallando, seria —que nos parece demasia o contingente arranjado de casa, embora accertavel, por vezes.

Maria da Luz pisa o palco perfeitamente, possui bella intelligencia, e tem principalmente uma voz bem timbrada e

nha, que o estima; mas que não póde deixar de chorar a sua fama assim ultrajada por seu respeito... bem que o snr. não tenha para isso cooperado.

A viuva calou-se... Candido não podia dizer palavra; ambos porém soffriam muito; o mancebo tragava fel de amargura, de vergonha, e de desespero, e Marianna sentia-se devorada por violentos remorsos.

Mas era escrava: tinha obedecido a seu senhor.

Estavam já em silencio ha alguns minutos quando se ouviu o toque da meia noite.

Marianna ergue-se e disse:

—Ah! meu Deus! que tempo estamos fóra da sala... não de ter reparado em minha ausencia... voltemos, snr. Candido.

O mancebo que se tinha deixado ficar sentado no banco de relva, respondeu com voz sombria:

—Não: eu fico.

A viuva retirou-se a passos vagarosos e com a cabeça baixa; desaparecendo pela portinha, que deixava para o jardim, ella encostou-se á parede do corredor e desatou a chorar.

Quando Marianna acabava de sair do jardim, surgiu dentre alguns arbustos um homem alto, e cuja cabeça alvejava de tão branca que era

Chegou-se ao caramanchão, e dirigindo-se ao mancebo, disse:

—Snr. Candido: o snr. é moço e bom; está na quadra feliz do amor, da esperança e das crencas puras. Ame, espere, e, sobretudo, creia. Deus não abandona quem n'elle confia.

E visivelmente commovido tornou a desaparecer na sombra dos arbustos.

lindíssima. A ella se deve attribuir notavel concurso para o bom exito que a *Filha do Ar* tem obtido.

Samuel é um artista de merecimento, e mostrou-se digno dos applausos com que a plateia o coroou.

De proposito deixamos para o fim duas palavras a respeito da actriz Thomazia Velloso, que desempenhou o papel de Azulina, princeza dos Ares.

Somos fracos decifradores de horoscopos; parece-nos, porém, entrever nesta adoravel creança uma futura gloria da scena portugueza.

Filha d'uma actriz que soube conquistar um dos primeiros logares entre as mais distinctas actrices contemporaneas; creada—digamol-o assim—no theatro; dotada de intelligencia invejavel, e de não menos invejaveis dotes fisicos; Thomazia Velloso, se persistir na carreira que enceta, hade ter um futuro brilhantissimo.

O papel que a novel actriz desempenhou na *Filha do Ar*, fel-o quasi d'improviso, em substituição da actriz M. da Conceição, que adoeceu nas vespéras do espectáculo; attenta esta circumstancia houve-se muito bem.

Os côros pareceram-nos bastante irregulares.

O senario é vistoso.

A concorrência ás duas recitas foi realmente extraordinaria.

Hoje, sobe á scena o drama em 4 actos *Gaspar, o serralleiro*, e amanhã, volta em ultima representação, a pedido, a *Filha do Ar*.

Feira.—E' hoje a feira que annualmente se costuma fazer em igual dia na freguezia de Prado, a uns 6 kilometros da cidade.

Desabamento.—Na madrugada d'ante-hontem abateu grande porção da casa n.º 7 da rua da Boa-Vista.

Universo Illustrado.—Recebemos os dois primeiros n.ºs do *Universo Illustrado*, que começou a publicar-se em Lisboa.

E' adornado de formosas estampas, e contem artigos litterarios de muito merecimento.

Concelho de Penedono.—Communicam-nos da villa de Penedono que a commissão do recenseamento n'aquelle conselho, se compoe dos seguintes individuos, eleitos por unanimidade no dia 14: Manoel d'Assumpção d'Almeida Poença—João d'Alegria Rodrigues—Manoel Antonio Corronho—José de Santa Anna Coutinho—João Pereira—Manoel Maria de Gouveia—José Joaquim Cabral.

Substitutos: Joaquim Antonio da Costa—Manoel d'Assumpção Almeida—Julio Cesar Augusto—Manoel Maria do Amaral—Francisco Antonio de Sobral—Antonio Manoel Ferreira—João Antotonio d'Almeida.

Partida.—Partiu hontem para o Porto, no comboio da 1 hora e 40 minutos da tarde, o ex.^{mo} snr dr. Ayres Frederico de Castro Solla, ex-juiz de direito nesta comarca.

Durante a sua permanencia nesta cidade, s. ex.^o gosou sempre da mais alta consideração, como cavalheiro respeitabilissimo, e como magistrado integerrimo.

Foram á gare despedir-se de s. ex.^o muitos dos seus amigos, que os tem aqui em subido numero.

Grande lançal.—Pedimos á ex.^{ma} camara, que mande continuar a calcetaria da rua da Sé, até á capella de S. Miguel o-Anjo, para acabar com o lameiro insuportavel, que, ha tanto tempo, embaraça o transito n'aquelle ponto bastante frequentado. No caso de não poder ser deferido o nosso pedido, requeremos pelo menos umas poldras, como se faz nos caminhos das aldeias.

Banco Mercantil.—Recebemos o Relatorio deste Banco, que tem de ser apresentado, e discutido no dia 24.

Por elle se vê que o liquido dos ganhos e perdas é de 19:871\$411 reis.

A proposta para a divisão é a seguinte:

Dividendo do segundo semestre de 1876, 2 1/2 0/10, ou 1\$250 reis por acção.

Para amortização de contas de despeza, 487\$080 reis.

Fica um saldo de 2:797\$322 reis para lucros e perdas do anno seguinte.

Banco Commercial de Braga.—O Relatorio e contas deste Banco, concernentes ao fudo anno de 1876, acha-se na thesouraria do mesmo, onde os snrs. accionistas, que não o tenham recebido, o podem requisitar.

Obito, e deixa.—Acaba de fallecer Quiteria Maria da Silva Vaz, viuva, que

habitava no logar do Areal, freguezia de S. Victor. Tem hoje officios no templo da Misericordia, aos quaes assistirão os asylados de S. José, a cujo estabelecimento a finada deixou, como esmolla, um fóro annual de 24 razas de pão milhão, que lhe pagava Maria Antonia, da freguezia de Crespos.

Determinação.—Determinou-se que nas linhas ferreas do Minho e Douro, e do sul e sueste sejam observadas, como nas linhas ferreas do norte e leste, as regras adoptadas pelo ministerio da guerra para o transporte de familias e bagagens dos officiaes do exercito e das praças de pret, licenciadas ou despedidas do serviço.

Um feito republicano.—E' sabido como em França os Irmãos das Escolas Christãs tem sabido elevar a instrução primaria ao mais alto grau de perfeição e desenvolvimento.

Os seus escolares tem constantemente batido os de todas as outras escolas seculares.

Em premio, liberal e republicano da gemma, o conselho municipal de Paris, diminuiu o subsidio municipal aos melhores dos mestres, em 5:400\$000 reis; emquanto que por outro lado votava igual somma em soccorro dos deportados!

Por um lado espoliam-se os educadores de Paris e por outro premeiam-se os seus incendiarios!

Achamos bom e tudo serve para demonstrar o que vale e o que quer o republicanismo!

O peor é que elle vae indo e engordando pela imbecilidade dos monarchicos de contrabando, que estão hoje geralmete dirigindo as nações.

Um arcebispo protestante e as conversões.—Visitando Dover, disse em outubro proximo passado o dr Tait, arcebispo-protestante de Contorberia:

«O numero das conversões á communhão catholica, que tem tido logar durante minha vida, excede o de qualquer outro periodo da historia da igreja Anglicana, excepto talvez durante o reinado dos Stuarts, quando, como sabemos, as cousas chegaram ao seu apogéo, e tentou-se positivamente romanisar toda a igreja de Inglaterra».

Muito bem! Graças a Deus!

Movimento jornalístico de Paris.—Em 1875, a somma dos jornaes de Paris elevava-se a uns 754, e nos de 1876 já estava em 836.

N'aquella cidade apparecem annualmente nas 100 a 108 periodicos novos, porém a maior parte falta-lhes o folego em menos de um mez. Nos dois ultimos annos, por exemplo, surgiram 161 jornaes que dahi a pouco foram enterrados.

Em 1876, segundo a «Liberté»—onde colhemos esta curiosa estatistica—nasceram dos fecundos pretos de Paris 15 grandes jornaes politicos.

As folhas que seguidamente augmentaram em numero com maior proporção, são as de bellas artes, que se elevam hoje a 15. Os jornaes de geografia quadruplicaram: no começo de 1875 eram apenas dois; presentemente contam-se oito.

Ha 83 jornaes que tractam exclusivamente de questões financeiras, 54 illustrados, que são de variada natureza e formato, 49 religiosos, 66 de jurisprudencia, 74 de leitura recreativa, 63 scientificos, 52 de litteratura e filosofia, 3 de fotografia, 9 de architectura, 4 de archeologia, 8 de musica, 7 de theatro, 68 de modas, 77 de tecnologia, 74 de medicina e farmacia, 22 d'arte militar, 31 de agricultura, 16 de sciencia hippica, e 17 de varios assumptos.

E' preciso notarmos que n'estas sommas não vai incluído o numero das revistas, que se eleva a 14.

Districto devastado pela invernia.—No districto de Faro os concelhos mais prejudicados foram: Castromarim, onde o tresbordamento violento da ribeira de Odeite destruiu as sementeiras e muito arvoredos dos terrenos marginaes, sendo os prejuizos calculados em 3 contos de reis; e Alcoutim, onde todas as fazendas marginaes do Guadiana, na extensão de 20 kilometros, soffreram prejuizos no valor de 60 contos de reis. N'esta villa ha predios destruidos no valor de 12 contos de reis. Ha terras que d'antes eram povoadas de arvoredos, e que ficam reduzidas a profundos areas. Mais de 1:000 proprietarios soffreram graves prejuizos.

Negocios ecclesiasticos.—O «Diario do Governo», n.º 11, de 16 do corrente publica:

Portaria declarando aberto concurso para provas publicas, perante os respecti-

vos prelados, para o provimento das seguintes egrejas parochiaes:

Na diocese de Bragança, S. Vicente de Alvides, concelho de Mirandela e Nossa Senhora de Assumpção, em Valle Bemfeito, concelho de Macedo de Cavalleiros.

Na diocese do Algarve, Santo Antonio do Ameixial, concelho de Loulé.

Na diocese de Vizeu, S. João Baptista, de Beios, concelho do Carregal e Nossa Senhora da Natividade, de Calde, concelho de Vizeu.

Na diocese do Porto, S. Miguel de Bustello, concelho de Penafiel.

Na diocese de Lamego, S. Cypriano, concelho de Rezende.

Na diocese de Braga, S. Paio, de Eira Vedra, concelho de Vieira; S. Cosme de Pedame e S. João Baptista de Portella, de Monsão; Nossa Senhora dos Remedios, do Samão, concelho de Cabeceiras de Bastos; S. Pedro, de Sub-Portella, concelho de Vianna do Castello.

Na diocese de Pinhel, Nossa Senhora d'Assumpção de Lamegal e Menino Jesus, de Pereiro, concelho de Pinhel e Santa Catharina de Robelosa, concelho de Sabugal.

Prodigios de vegetação.—Muitos jornaes tem falado d'estes prodigios em diversas localidades. Nós temos aqui, diz o «Journal de Vire», a nossa parte da primavera; um jardineiro possui uma crejeira coberta da flores.

O mesmo jornal refere que uma pessoa da cidade possui n'este momento dois saltões vivissimos, que alimenta ha trez semanas, pela raridade do facto.

Microscopico da grande força.—Um periodico francez diz que se inventou ha pouco um microscopico de tão extraordinaria força que permite vêr os globulos do sangue de 8 centimetros de diametro. Está destinado a importantes descobrimtos no terreno da sciencia.

Italia.—O excellento periodico *L'Osservatore Romano*, resumindo ha pouco tempo os actos de perseguição levados a effeito pelo ministerio Depretis-Nicotera desde 18 de Março, em que subio ao poder, recorda:

Uma circular dirigida a alentar os sacerdotes schismaticos de Napoles.

Outra circular para favorecer com socorros materiaes e dinheiro aos schismaticos de Mantua.

Uma terceira circular contra as obras pias.

Uma quarta circular sobre os dotes a jovens pobres, que altera essencialmente o espirito da fundação d'estas obras de beneficencia.

Uma quinta para abolir os legados para missas unidas ás obras pias.

Uma sexta contra as procições religiosas.

Uma setima e oitava contra as associações religiosas.

Alguas outras disposições, em parte já conhecidas de nossos leitores, houvera podido acrescentar ainda o periodico romano, que, como as citadas, se propõe a escrever pouco a pouco a Igreja, ao mesmo tempo que a dar alento á impiedade, com o fim diabolico de elevar a ao imperio do mundo. Este é o fim da politica regalista, na Italia e em outras nações.—(«C. da T.»)

Morte do Conde de Cavour (jornal).—Da casa do Conde de Cavour nada restava, tendo fallecido os dois irmãos e todos os seus filhos. Não dizemos bem; restava um jornal em Turim com o seu nome. Este jornal ia arrastando uma vida bastante atribulada, valendo-lhe apenas os annuncios judiciais; mas ultimamente morreu tambem o jornal; e dos «Cavourés», em 1876, desapareceu toda a memoria. Terrível justiça de Deus!

Locomotivas-relampago.—Acaba de effectuar-se um melhoramento importantissimo nas linhas ferreas da França.

D'aqui a um anno, a viagem de Paris a Marselha, que presentemente leva ainda umas dezeseis horas, não levará mais que doze.

Esta grande velocidade será devida ás novas locomotivas, que se constroem actualmente nas officinas de Paris e Oulins.

Estas machinas são muito mais altas que as outras, e as rodas motoras tem acima de dois metros de diametro.

Alguas companhias inglezas que têm feito uso d'ellas, participam que são incontestavelmente superiores ás outras, mesmo no tocante á segurança e solidez.

Foi por meio d'este systema de locomoção que se organisaram ultimamente

nos Estados-Unidos as famosas locomotivas-relampagos.

O designativo está-lhes a caracter, visto que transpoem a media de 100 a 120 kilometros por hora, emquanto os comboios de França, o mais que transpoem não passa de 70 kilometros.

São sessenta as locomotivas que presentemente se constroem nas mencionadas officinas.

O periodo da construcção será pelo menos de um anno. De sorte que vêem a concluir-se em 1878, epocha da Exposição universal franceza.

Portuguezes fallecidos.—No Rio de Janeiro falleceram os seguintes de 15 a 23 do passado.

Joseph Ornellas Drumond, 58 annos, viuva; Manoel Pereira Peixoto, 42 a. solteiro; José Tavares de Almeida, 36 a. c.; João José de Souza, 32 a. c.; Manoel Domingues Guerra, 56 a. c.; Marcellino, 40 a. presumiveis; José Ferreira Dia, 74 a. c.; Manoel Soares Ferreira, 18 a. s.; Boaventura Pereira da Silva, 27 a. s.; Domingos Velloso, 35 a. s.; Maria José de Souza, 55 a. v.; Manoel da Silva Lessa, 32 a. c.; Antonio Pereira Cortez, 57 a. c.; Antonio Manoel da Costa Lima, 59 a. c.; Luiza Izabel de Moraes, 56 a. c.; Ermelinda Joaquina, 30 a. s.; Antonio Francisco Pereira, 38 a. s.; Carlota Coelho da Silva Paixão, 19 a. c.; Pedro Luiz de Araujo, 69 a. v.; Francisco Philippe de Castro, 28 a. c.; Joaquim Anacleto Guimarães, 80 a. s.; José Soares Teixeira, 31 a. s.; João Luiz do Amaral, 38 a. s.; José Maria Ribeiro de Oliveira, 62 a. c.; José Rodrigues da Silva, 59 a. s.; Manoel Coelho Lourenço, 50 a. s.; Luiz Venancio da Rocha Vianna, 52 a. c.; José Maria Pereira das Neves, 60 a. s.; José Monteiro da Costa Guimarães, 14 a.; Maria Izabel da Gloria Miranda 62 a. c.; Francisca Candida Guimarães, 20 a. c.; Antonio Maria Dias Lage, 30 a. s.; Maria do Amparo, 60 a. v.

—Em Pernambuco falleceram de 17 a 25 de dezembro João José Pereira 41 a. c.; Joaquim Alves Martins, 66 a. s.

THEATRO DE S. GERALDO.

SABBADO, 20.—O drama em 4 actos, *Gaspar, o serralleiro*.

DOMINGO, 21.—Ultima representação da *Filha do Ar*.

AGRADECIMENTOS

Estevão Correia de Moraes Amaral, José Correia de Moraes Amaral, sua cunhada Emilia, e sobrinha Maria Ernestina, agradecem do fundo d'alma, pedindo desculpa de o não poderem fazer pessoalmente, a todas as ex.^{as} snrs.^{as} e snrs. que se dignaram obsequialos durante a penosa enfermidade de seu bom irmão, cunhado e thio o Conselheiro e Desembargador da Relação aposentado Bartholomeu Correia de Moraes Amaral; outro sim significam, por este meio, o seu eterno reconhecimento aos ill.^{os} e ex.^{os} snrs. que lhes concederam a subidissima honra de no dia 11 do corrente assurrem na igreja da Misericordia ao funeral do mesmo seu sempre chorado e nunca esquecido irmão, cunhado e thio, não esquecendo os reverendos snrs. ecclesiasticos que gratuitamente assistiram ao officio de corpo presente.

Como ha de ser sempre respeitada a memoria do saudoso finado, relembradas e nunca esquecidas serão tambem as linezas com que n'este doloroso trance tão delicadamente foram obsequiados os annunciantes. (39)

ANNUNCIOS

Arrematação de bens

Pelo juizo de direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, por força de execução hypothecaria em que foi executor o fallecido José Fernandes Dias, negociante da mesma cidade, hoje seus herdeiros habilitados D. Maria Rita da Silva Dias, viuva d'aquelle fallecido, e seus filhos e genro, todos da referida cidade, e executados José Maria Themoteo, e mulher Justina Rosa, e Justina Maria, sol-

teira, moradores na freguezia d'Argeris, concelho de Valle Passos, voltam de novo a praça para serem arrematados e entregarem-se a quem por elles maior preço offerecer, visto não ter apparecido lançador algum, no dia 10 de dezembro findo, nem se ter effectuado no dia 8, que equivocadamente se annunciou, se faz de novo, já com o abatimento da quinta parte, todos os bens de raiz de que se compõe a casa e casal dos referidos executados e que eram pertencentes a seus fallecidos paes e sogros Themoteo José, e mulher, cujos bens são situados na dita freguezia de Argeris, e da de S. Thiago da mesma comarca de Valle Passos; da sobredita execução consta, assim como dos respectivos editaes que se acham affixados na porta do Tribunal da mesma cidade, e na da casa dos executados, seus nomes, situações, confrontações e valores. Porisso quem os pertender pôde comparecer no dia 28 do corrente no Tribunal da mesma cidade, que é sito no largo de Santo Agostinho, d'onde deve ter logar pelas 10 horas a mesma arrematação, e entregarem-se os referidos bens, a quem por elles maior preço offerecer.

N. B. Declara-se que no annuncio publicado com o n.º 36, houve omissão da palavra—Já—o que se declara.

Braga 12 de Janeiro de 1877.

(36) *Maria Rita da Silva Dias.*

BANCO DA COVILHÃ

Sociedade anonima de responsabilidade limitada.

São convidados todos os snrs. accionistas d'este Banco, a reunirem-se no dia 28 do corrente por 4 horas da tarde, no edificio onde está installado o mesmo Banco n'esta cidade, a fim de se cumprirem as disposições do § 1.º do artigo 18 dos estatutos, e para a eleição dos cargos de Presidente da assembleia geral e de dois vogaes substitutos do conselho fiscal, que falleceram.

Covilhã, 5 de janeiro de 1877.

O secretario da assembleia geral,

Francisco Rodrigues Antunes Castanhinha.
(51)

No estabelecimento de Adelino José Vieira venderam-se os n.ºs seguintes, premiados na loteria de 10 do corrente:

14608 e 19483, com 540\$000 reis cada um; 7401, 7410, 9637 e 2658, com 72\$000 reis cada um. (52)

ATTENÇÃO

Vende-se a grande e mimosa quinta do convento em Pombeiro, que foi do fallecido Antonio Pereira Leite Guimarães; é de natureza alludal, toda fechada pela circulação de um muro; é de grande rendimento em pão, vinho, fructas etc., agnas em grande quantidade. Fica distante da cidade de Guimarães uma legoa. Para tratar, na referida cidade, rua das Oliveiras n.º 52, com o sr. João Marinho da Cunha ou em Santo Estevão de Regados com o herdeiro José Joaquim Lobo, e procurador o sr. Manuel Pinto Durães. (53)

BANCO DO MINHO

Em cumprimento do artigo 33 dos estatutos são convidados os snrs. accionistas do Banco do Minho, para comparecerem na reunião d'Assembleia geral ordinaria, que deve ter logar ás 11 horas da manhã do dia 20 do corrente mez, no novo edificio do referido Banco.

Braga 15 de janeiro de 1877.

O Presidente d'Assembleia geral,

(41) *José Maria Rodrigues de Carvalho.*

Companhia Geral Bracarense

São convidados os snrs. accionistas d'esta companhia a reunirem-se em assembleia geral, no escriptorio da mesma, no dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, para os effectos dos artigos 12 e 14 dos estatutos.

Braga 15 de janeiro de 1877.

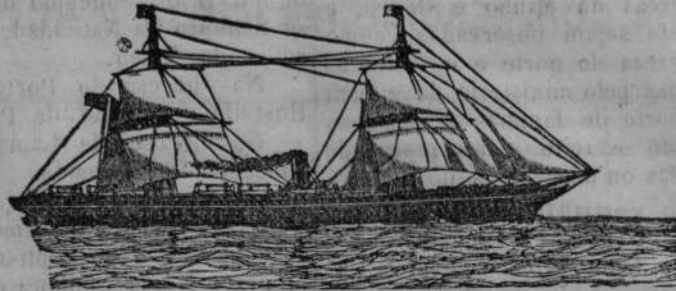
O Presidente,

(46) *Francisco de Campos d'Azevedo Soares.*



MALA REAL INGLEZA

(INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHA QUINZENTAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

MONDEGO.	28 de Janeiro	TAGUS	13 de Março
ELBE	13 de Fevereiro	GUADIANA	28 de Março
MINHO	28 de Fevereiro	NEVA	13 de Abril

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cozinheiros portuguezes para commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a condução para Lisboa é por conta da Companhia.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cozinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais de um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que teem de passageiros e pelos agradecimentos de mais de mil e cem passageiros d'entre elles feitos por escripta como consta de documentos archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23, do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas.

Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, rua do Souto.

ALCATRÃO BARBERON

Unico que contém todos os principios balsamicos e aromaticos de Alcatrão de Noruega. Nos fortes calores e nas mudanças de estação, impede que a agua se corrompa: é uma bebida hygienica e preservadora de molestias epidemicas. — Dose: uma colherzinha n'um copo d'agua acrescentada a bebida ordinaria. — Preço 400 reis.

ALCATRÃO RECONSTITUINTE BARBERON. Com chlorhydrophosphato de cal. Consumção, molestias do peito, tísica, anemia, dyspepsia, rachitismo, molestias dos ossos, das mulheres e das crianças. — Preço: 500 reis.

ELIXIR FERRUGINOSO BARBERON. Com chlorhydrophosphato de ferro. — Reconstitue o sangue sem causar o estomago. Muito agradável, digestivo e tonico. — Preço: 800 r.

FOGO BARBERON PARA OS CAVALLOS. Substitue o ferro candente sem destruir o pelo. Exitu infallivel e facil applicação. — Preço: 950 reis.

Depositos: BARBERON & Co, en Châtillon-sur-Loire (Loiret), França. Em Lisboa, o sr. Barreto, r. do Lorêto, n.º 28—30. (23)

Farmacia de HOGG, 2, rue de Castiglione, Paris (Unico proprietario).

OLEO DE FIGADOS FRESCOS DE HOGG

Prescripto por todos os medicos e empregado com o mayor successo contra: as enfermidades do peito, affeições escrofulosas, tosses chronicas, rheumatismos, magreza erianças, das impigemes, fluxos brancos, debilidade geral, etc., etc. Agradavel e facil de tomar. — Desconfiar das falsificações.

Exigir-se-ha a marca da Fabrica junto que encobro a capsulo de cada frasco de feito triangular, e a firma HOGG e Cia, que de vera achar-se sobre o rotulo.

Depositos nas principaes Pharmacias e em Lisboa, nas casas de BARRETO, rua de Lorêto, 28 e 30. AZEVEDO e Filhos, BARRAL e IRMAO; em Porto, nas casas de ALBANO ABILIO ANDRADE, SOUZA FERREIRA e IRMAO, JOSÉ PINTO; em Coimbra, Salvador FERRAZ. (53)

PRADO D'URJÃES

Quem pretender tomar d'arrendamento o prado d'Urjães, pertencente á casa de Sinde, e que consta de lavrad. v. donho, e arvores de fructo, pôde dirigir-se n'esta cidade á rua de S. Geraldo, n.º 17. (44)

ALVIÇARA

Dão-se a quem entregar um anel de pedra azul, que foi perdido no baile dos recreios populares na cerca dos Congregados. Recibe-se em casa do sr. Alexandre, barbeiro, rua do Souto. (47)

BANCO ALLIANÇA

Dividendo do 2.º semestre de 1876.

No dia 19 do corrente principiará a pagar-se na thesouraria do Banco do Minho o dividendo do 2.º semestre de 1876 a razão de 200 ou 1\$200 reis por acção, desde as 10 horas da manhã até á 4 da tarde.

Braga 17 de janeiro de 1877. (49)

POLVO

BOM E GRAUDO

Vende-se aos costas no largo do Barão de S. Martinho n.º 27. (45)

BANCO DE GUIMARÃES

Tendo a assembleia geral dos accionistas do Banco de Guimarães de 11 do corrente, fixado para a segunda reunião ordinaria o dia 22 para os effectos do artigo 42 dos estatutos, convida os snrs. accionistas a comparecer no referido dia pelas 10 horas da manhã na casa do Banco.

Os snrs. accionistas que pertenderem o relatorio da gerencia com o parecer do conselho fiscal podem procural-o em Guimarães na thesouraria do Banco, e no Porto e em Braga nas respectivas agencias.

Banco de Guimarães 15 de janeiro de 1877.

O Presidente da Meza d'assembleia geral,

(45) *Barão de Pombeiro.*

AVISO IMPORTANTE

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de doutor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31)

VENDA DE BENS

Vende-se os bens que pertenceram ao finado abbade da Correlhã, da comarca de Ponte do Lima, os quaes constam: d'um pomar, com latada e tanque, e uma leira annexa, e o campo de praso; a propriedade denominada a Cachada; os quaes teem excellente vidonho, fructas e agoa: constam tambem d'uma casa meio-construida n'um bello local e uma porção de terreno cultivado, junto á mesma.

Quem os pretenda dirija-se a João da Cunha Nogueira, Ponte do Lima. (38)

POMBOS

A Sociedade do tiro dos Pombos de Lisboa, compra pombos, em partidas não inferiores a 50, pelo preço de 140 reis cada um pagos no acto da entrega, em qualquer estação dos caminhos de ferro de Norte a Leste e de Sueste. Os vendedores podem, para mais esclarecimentos, dirigir-se aos chefes de estação ou ao secretario da Sociedade, Luiz de Sequeira Oliva, e espingardeiro Lurberon, rua Aurea, n.º 76, Lisboa. (50)

ALUGA-SE

N'um dos locaes mais pitorescos e saudaveis d'esta cidade, acha-se para alugar uma casa até ao proximo S. Miguel; e bem assim, se vende por preço mui commodo a mobilia e piano existente na mesma e completamente nova, para melhores esclarecimentos queiram-se dirigir á Praça do Barão de S. Martinho, casa Almeida & Pereira. (24)

Vende-se, uma casa com bom quintal e poço, no campo Novo n.º 9, (lado do norte).

Vende-se tambem a quinta do Ribeiro, na freguezia de S. Pedro de Escudeiros, Veiga de Penso.

Trata-se com o sr. Simão d'Araujo Esmeris, Escrivo de Direito, na rua dos chãos de Baixo. (32)

DEPOSITO DE TABACOS

DA

Casa Havaneza de Lisboa

27—Largo do Barão de S. Martinho—27

BRAGA

N'este deposito, que acaba de ser aberto ao publico, encontram-se tabacos de todas as fabricas estrangeiras e nacionaes, bem como boquilhas de anbar, espuma do mar e cauchoue, cachimbos de gesso e de raiz, cigarreiras e charuteiras de couro da Russia, lumes de cera de procedencia ingleza e muitos outros objectos d'alta novidade e elegancia.

Este deposito nos fornecimentos por grosso offerece o mais vantajoso desconto. (20)